

O mito da serpente em D. H. Lawrence

Ana Maria Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, Jardim Rosa Elze, Sergipe, Brasil.
E-mail: analealca@yahoo.com.br

RESUMO. Este trabalho propõe um estudo do mito da serpente, na obra *A serpente emplumada*, de D. H. Lawrence, baseado na trajetória mítica do herói, estabelecida por Joseph Campbell e na crítica junguiana da cultura. Kate, a protagonista, empreende uma busca de renascimento psicológico e espiritual, ao chegar à terra primitiva do México. Tal busca simboliza um retorno ao mundo primitivo da Grande Mãe, entendido, do ponto de vista psicológico, como o inconsciente. Assim como o processo de individuação, descrito por Jung, essa personagem enfrenta rompimentos e dificuldades no decorrer da expansão da consciência. Neste sentido, a serpente simboliza tanto o que é viperino na natureza humana, quanto à sabedoria do corpo e dos instintos.

Palavras-chave: mito, símbolo, processo de individuação, imagens, literatura.

ABSTRACT. *The serpent myth in D. H. Lawrence.* This paper proposes a study on the myth of the serpent in D. H. Lawrence's *The Plumed Serpent*, based on Joseph Campbell's mythical map of the hero's journey and Jungian criticism. Kate, the female protagonist, embarks on a quest for spiritual-psychological rebirth in the primitive lands of Mexico. Following the pattern of Jung's individuation process and exploring many recurrent symbols in the narrative, we intend to show how Kate faces ruptures and uncertainties as her consciousness is getting into a process of expansion. According to our analysis, the serpent illustrates the *Self's* paradoxical aspect, representing both the viper side of the human being as well as its knowledge.

Key words: myth, symbol, individuation process, images, literature.

Introdução

Este trabalho faz uma incursão pelo mundo dos mitos, na tentativa de mostrar como as facetas de descentramento identitário acontecem no romance *A Serpente Emplumada* (1929), de D. H. Lawrence. Para isso, dialoga-se com a trajetória mítica do Herói, de Joseph Campbell, com a Psicologia analítica de Carl Jung. A intenção é mostrar que a representação do inconsciente se expressa em imagens interiores e exteriores, pelas faculdades de percepção, da memória, do pensamento e da imaginação. Com isso, pretende-se analisar o conflito cósmico entre as forças humanas e o seu destino, do qual se depreende a noção de *agôn* – luta da protagonista entre poderes hostis, externo e interno. Desse modo, enfatiza-se que tal luta realiza-se, de modo simbólico, tanto no enredo quanto na psique da heroína. Vale destacar que Kate, a protagonista dessa obra, passa por um processo de individuação que vai ser explorado neste trabalho.

Por enquanto, vamos abordar a importância do mito para os estudos literários. O contemporâneo retorno aos mitos não é um simples modismo, tem o profundo significado da busca de identidade no

mundo. Vistos antes como ilusão, os mitos é um tesouro cultural de grande importância para a humanidade, porque são geradores cognitivos e emocionais da psique. Eles revelam segredos dos nossos destinos e dos mistérios do divino, que sempre tiveram o poder de levar adiante o espírito humano. Os mitos são dotados de uma mensagem sempre nova, expressam-se em todas as culturas como um mistério fascinante que envolve o sagrado, a vida eterna e a vida interior.

O mito organiza e estrutura o imaginário na literatura, trazendo sempre a mensagem que orienta, educa, disciplina, persuade, explica, desvia, cria realidades inexauríveis, transmitindo verdades universais que conservam, de cultura para cultura, um modo similar de imaginar o mundo e os homens. O mito é um sonho social que transfere o inapreensível para a dimensão metafísica, na esperança de banir o intelecto e o fantasma das explicações científicas do objeto literário. As imagens míticas têm um significado vital que revela a alma pré-consciente, os pronunciamentos involuntários e os acontecimentos inconscientes. Os mitos também tematizam os grandes problemas humanos e estão

relacionados às etapas da vida, como cerimônias de iniciação e rituais de passagem, nascimento, casamento, funerais, novas fases da vida: da infância à velhice, morte, quedas e ascensões, enfim, todo e qualquer processo de transformação. Eles conduzem à consciência espiritual, ensinam como o homem deve agir diante de seus problemas.

Compreendidos hoje como histórias da nossa busca de verdade, de sentido e de significado por meio dos tempos, como pistas providas de todas as culturas, com temas universais atemporais, os mitos sempre foram um desafio para o intelecto, e a sua interpretação, uma grande diversidade de idéias. Jung (1993, p. 114) destaca que:

os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os seres humanos.

No seu entender, o mito expressa formas de vida, isto é, servem de modelos significativos que permitem ao homem se inserir na realidade.

O grande mérito de Jung é ter aprofundado o estudo do inconsciente, fundamentado por Freud, e ter restaurado o significado espiritual das imagens e símbolos, construindo, assim, novos princípios gnosiológicos sobre o homem. Nos seus estudos, mostrou que o mito elucida certos fenômenos comportamentais, culturais e artísticos em geral. Tendo percebido que a mente é um mundo inalcançável e a psique uma memória ancestral hereditária, Jung destacou a importância dos arquétipos do inconsciente coletivo, na dinâmica intrapsíquica das artes, servindo-se dos mitos para constituir uma chave hermenêutico-interpretativa de nível simbólico. Além disso, o mito serve para compreender imagens cósmicas representadas metaforicamente na literatura, permitindo uma visão profunda das fontes originárias da criação artística. De acordo com Jung, o inconsciente coletivo não é um sedimento morto, mas um conjunto de todos os arquétipos que remontam aos inícios obscuros do inconsciente da humanidade.

A serpente como imagem arquetípica das origens

A partir de materiais básicos, oriundos de culturas ancestrais, poetas e escritores elaboram os mitos, dando-lhes nova roupagem, segundo culturas e épocas diferentes. O mito da serpente, tão antigo na sua trajetória existencial e, ao mesmo tempo, tão moderno no seu significado de renovação, evidencia-se em *A serpente emplumada* – colhido da tradição do povo asteca – mostrando que o mito encarna o ideal de todo ser humano: a conquista da

individualidade.

Neumann (2000, p. 7-8) assinala que, nesse processo de busca, primeiro ocorre o psíquico e depois, o espiritual. Ele está dividido em diferentes etapas, cujo símbolo da primeira é a uroboro – a serpente das origens – que representa a situação psíquica original em que prevalece a fusão do ego e o inconsciente. O percurso em busca da Totalidade é uma aventura de transformação do ego que exige ruptura, recolhimento, renúncia e torna o indivíduo um herói, isto é, um ser humano competente, corajoso, persistente, humilde e útil à sociedade. Dessa forma, o arquétipo do herói incorpora as mais poderosas aspirações, revela a maneira pela qual elas são idealmente compreendidas e realizadas e representa a vontade e a capacidade de procurar e suportar repetidas transformações em busca do humano possível, tanto dentro de si quanto dentro dos outros.

O herói e o processo de individuação

Jung entende o mito do herói como um drama inconsciente que descreve claramente a busca da realização total, culminando com a *coincidentia oppositorum*, aquilo que ele chamou de individuação. O herói representa o grau de energia psíquica que transita entre o Self e o ego e que, por sua natureza, está associado aos ritos de passagem centrais na estimulação da consciência. O modelo mítico que configura a estruturação da consciência, a partir do inconsciente, mostra sempre o mitologema do herói que mata o monstro. Tal morte simboliza o domínio ou repressão de impulsos instintivos primitivos e aponta para a oposição entre instinto e cultura.

Jung serviu-se da trajetória do herói arquetípico para explicar o processo de individuação, no decorrer desse processo, a primeira figura a ser confrontada é a sombra que contém os aspectos ocultos, reprimidos e desfavoráveis da personalidade. No seu entender, ela não é apenas o simples universo do ego consciente. Assim como o ego contém atitudes favoráveis e destrutivas, a sombra possui algumas boas qualidades: instintos normais e simples criadores. O enfrentamento da sombra equivale à retirada da máscara e à tomada de consciência daquilo que cada um considera desagradável em si próprio.

A segunda etapa do processo diz respeito à confrontação com a anima/animus, a contraparte sexual. A anima manifesta-se nos sonhos, nas visões e fantasias, “é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem” (Jung, 1993, p. 177). O primeiro receptáculo da anima é a mãe. O animus refere-se à masculinidade

inconsciente no psiquismo da mulher que se manifesta como intelectualidade pouco diferenciada, opondo-se à essência da natureza feminina que visa, acima de tudo, ao relacionamento afetivo (Silveira, 2001, p. 86-87). O animus/anima diz respeito à contraparte sexual daquele que “sonha”, como figuras arquetípicas da psique, elas situam-se para além da influência das forças que dão forma à consciência individual, tais como sociedade, família, cultura; ocupam-se primordialmente, em governar as nossas relações com o mundo interior do inconsciente – migração, ideais, humores e emoções. O Self – responsável pela caracterização individual de cada pessoa, buscando sua melhor adaptação nas diversas fases do desenvolvimento, ao longo da vida – emite energia pelos arquétipos. Ele é capaz de transformar o ego, ao final do processo de individuação. Seus símbolos podem apresentar-se sobre aspectos minerais, vegetais, animais; como super-homens e deuses.

A remitologização da serpente em Lawrence

A *Serpente Emplumada*, romance narrado em terceira pessoa, conta a aventura de Katherine Leslie (Kate), irlandesa de 40 anos, bela e requintada, em terras mexicanas. Segundo a narrativa, Kate é alta, cheia de corpo, olhos cor de avelã que expressam tranquilidade. Procura manter-se distante das pessoas que observava com certo divertimento desinteressado, como se estivesse lendo as páginas de um romance. Tinha dois filhos do primeiro marido, de quem se divorciara para casar-se com o general Leslie. Não obstante ter assumido o papel de esposa “feliz”, no mais profundo de si mesma, lutava contra sua persona social. Ela desejava, acima de tudo, livrar-se da submissão imposta pelo casamento, bem como do automatismo europeu. Era habituada a conviver com diversas classes sociais, apesar de sua alma não encontrar espaço e ela se sentir inquieta e solitária.

Segundo Campbell (1993, p. 28), o herói representa todo ser humano que se esforça por renovação pessoal e social, por meio do domínio criativo e da ampliação da consciência, alguém predestinado para executar a missão de servir à coletividade e que para isso se sacrifica, abandonando velhos padrões para fundar algo novo; é considerado um inovador de tradições. Ele resume o ciclo mítico do herói no seguinte esquema: o herói recebe uma convocação para cumprir seu destino, o “chamado da aventura”, seguindo-se o “enfrentamento dos guardiões do limiar”, das “provas difíceis”, da “batalha com o monstro”, do “casamento sagrado”, culminando com o seu

“retorno triunfante”.

A busca da personagem Kate realiza-se conforme a jornada mítica descrita por Campbell (1993, p. 66), em que ele descreve que o primeiro estágio dessa jornada se refere ao “chamado da aventura”, que significa a convocação do destino e a transferência do herói do centro da sociedade para uma região desconhecida, repleta de tesouros e perigos. A aventura de Kate obedece a dois momentos: o primeiro acontece na Europa, quando, ainda em depressão pela morte do marido James Leslie, recebe um convite do primo Owen para seguir viagem rumo à América. Ela segue, sem nenhum entusiasmo, mas levada por grande expectativa de renovação interior, afinal: “estava decidida a ser feliz” (Lawrence, 1989, p. 8).

A trajetória mítica de Kate, no México, inscreve-se como um retorno ao mundo primitivo da Grande Mãe, que irrompe na psique, no seu aspecto terrível e bondoso. A narrativa enfatiza que a cidade do México possuía “uma feiúra subjacente, uma espécie de maldade esquelética, vulgar” e Kate “temia a idéia de que algo pudesse tocá-la naquela cidade, contaminando-a com seu mal rastejante” (Lawrence, 1989, p. 17). Enquanto caminha pelas ruas, sente um aperto no coração e vive, portanto, a sensação do abraço sufocante da serpente simbólica. Avesa à morbidez daquele lugar que “lhe parecia ruínas”, sua única vontade era fugir sempre que podia. Contudo, sabia ser necessário “conservar o sangue-frio”, pois, no fundo de sua alma, tinha a impressão de que “o México jazia em seu destino. Era algo tão pesado, tão opressivo, como as dobras de uma grande serpente” (Lawrence, 1989, p. 19). A serpente urobórica, como representação da Grande Mãe, é uma das imagens simbólicas que irrompe do inconsciente da protagonista, refere-se ao Grande Redondo, que abraça e envolve e se traduz na luta do inconsciente *versus* a consciência.

O primo volta para a Europa, porém, Kate, tomada pela curiosidade de saber por que aquela cidade lhe causava sensações estranhas, resolve permanecer por mais algum tempo, como se observa no trecho selecionado: “apesar da íntima sensação de ameaça, não quis partir ainda. Ficaria mais algum tempo no México” (Lawrence, 1989, p. 60). Do ponto de vista psicológico, a sombra – aqui personificada pela cidade do México – tem o poder de causar medo, de aprisionar e isolar o indivíduo dentro de si mesmo. Nesse processo, o arquétipo corresponde à imagem do instinto, o que permite ação e possibilita a vivência de novas experiências.

As emoções repulsivas de Kate iniciam-se logo no primeiro dia em que ela chega ao mundo

primitivo do México. Por ocasião do espetáculo de uma tourada, ela assiste a um ritual de sangue que a deixa completamente chocada, ante a visão de um touro gotejando sangue, chifres mergulhados no ventre de um velho cavalo. Na cultura ocidental, a escuridão do mal está associada aos aspectos femininos obscuros, em particular à sexualidade reprimida, para onde se encaminha parte da luta da personagem. Descer às profundezas da escuridão contém outro fenômeno misterioso, que é a luz “centro da escuridão”, a qual simboliza um renascimento. Jung assinala que o Self está oculto no inconsciente, é preciso buscá-lo. Deste modo, entendemos que os esforços de Kate, para alcançar o “centro subterrâneo”, revelam os segredos do Self, que diz respeito à sua natureza essencial. A tourada é uma representação dos sacrificados, oferecidos à Deusa Mãe. Na verdade, Kate é a vítima sacrificial. Como prática ritualística, o sacrifício manifesta o instinto criativo que implica a destruição/construção da passagem anímica, em seu fluir incessante.

Do ponto de vista mitológico, esse retorno ao passado arcaico inscreve-se como um processo iniciático da trajetória de transformação, que teve seu começo com o deslocamento espacial. Na jornada do herói, um dos grandes obstáculos é o medo de enfrentar o desconhecido. Na travessia de Kate, o México se lhe configura uma grande ameaça. Ainda na primeira fase da trajetória, a personagem recebe um convite da senhora Norris – uma arqueóloga idosa, que estuda os objetos astecas – para um chá, ocasião em que conhece Dom Ramón e Cipriano (o general Viedna), num ambiente envolto em mistério. O primeiro é um espanhol de aproximadamente 50 anos, que morava no México há cerca de 20 anos, e pretendia revivificar o panteão mexicano, por meio de um movimento conhecido como “Homens de Quetzalcoatl”; o outro era um índio nativo, um general do exército mexicano e amigo íntimo de D. Ramón.

O despertar da consciência

A segunda etapa da travessia mitológica refere-se à aventura propriamente dita. Começa com o quadragésimo aniversário de Kate, que ocorreu uma semana depois de instalada no México:

[...] despertou certa manhã com quarenta anos completos. Era um golpe. Quarenta anos! Atravessava-se uma fronteira. De um lado, estava a juventude, a espontaneidade e a ‘felicidade’. Do outro, reserva, responsabilidade (Lawrence, 1989, p. 37).

Segundo Jung, em torno dos quarenta anos, a pessoa vivencia o processo de individuação, ou

metanóia, que se impõe como uma transformação radical da psique. E não só da psique, pois é o indivíduo todo que se transforma. Nesse processo, a energia faz o percurso inverso daquele empreendido na primeira parte da vida, no qual o ego tem por tarefa se separar do coletivo. Assim, a angústia da protagonista é um sintoma de que algo não está em harmonia no seu universo psíquico, e tudo aponta para um confronto com a sombra, abalando a persona.

O México desencadeou, em Kate, a descida ao mundo anímico, o que se assemelha a uma “viagem ao inferno”, em proporções psicológicas, agencia uma ruptura na forma de ver e conduzir a vida, o que significa um reflexo do seu interior. Começa um novo ciclo que requer um afastamento do mundo, na busca do seu eu verdadeiro, da sua personalidade unificada. Consoante Jung, na segunda metade da vida do indivíduo, há um encontro com alguns arquétipos que irrompem do inconsciente, projetados em imagens, o afastamento do mundo viabiliza um voltar-se para si mesma, fazendo emergir do seu íntimo uma nova direção para a vida.

O Self emite uma espécie de convite para que se resolva uma situação difícil, por meio da reflexão. Kate parece pressentir o turbilhão em que estava por ingressar sua psique, de modo que assiste, no México, à sua morte psicológica

Por que viera àquele alto platô de morte? O México tivera no passado um complicado ritual de morte. [...] inútil perguntar a si mesma por que viera (Lawrence, 1989, p. 38).

No fundo, Kate sentia que seu espírito havia sido consumado na Europa:

Na Inglaterra, na Irlanda e na Europa, ouvira o *consummatum est* do seu espírito. Estava tudo terminado, mergulhado numa espécie de agonia (Lawrence, 1989, p. 38-39).

Uma notícia de jornal, anunciando que “Os Deuses da Antigüidade voltam ao México”, chama-lhe a atenção e motiva-a a procurar o sentido do anúncio e um lenitivo para sua vida. Desejou saber o que estaria por trás daquilo tudo. Releu-a novamente e sentiu que: “uma luz diferente parecia iluminar as palavras daquele artigo do jornal. Sentiu vontade de ir a Sayula. Desejou um deus na sua vida” (Lawrence, 1989, p. 43).

Não obstante o lugar lhe parecer terrível, a personagem decide ficar por mais algum tempo.

Kate vive o seu processo de individuação, desencadeado por uma série de conflitos, dentre eles, a morte do marido Leslie. Segundo Jung (2000,

p. 286), alguns conteúdos arquetípicos são constelados quando se vivencia a metanóia. Com a irrupção da imagem arquetípica, a libido volta-se para o inconsciente, é como se voltasse para a mãe, contra o que se opõe também. O espírito europeu de Kate estava farto de significados definidos, de normas estabelecidas que a aprisionava, “Queria sair, desembaraçar-se novamente” (Lawrence, 1989, p. 45). Na verdade, Kate “sonhava” com a descoberta de si mesma.

Um dos problemas da mulher está em integrar o arquétipo do animus, a contraparte sexual da identidade feminina. Caso a mulher não consiga fazê-lo adequadamente, o animus pode tornar-se autônomo e negativo, agindo de maneira destrutiva, sobre o próprio indivíduo, bem como sobre suas relações com outras pessoas. Esse processo está ligado às noções de ritos religiosos, que tem a função de integrar o indivíduo no seio da sociedade. Assim, o despertar da consciência abre os olhos de Kate entre o que ela é e o vir-a-ser. Não obstante o fato de estar mergulhada em um turbilhão de conflitos, ela sabia que

era preciso renascer. [...] era preciso conquistar aquele suave desabrochar do ser. Talvez fosse aquilo que a trouxera ao México, longe de todo mundo (Lawrence, 1989, p. 44-45).

Em busca do divino

A busca mitológica de Kate corre paralela à psicológica, empreendida pelo ego (herói). A viagem metaforiza os processos psicológicos do caminho da individuação, o que significa que seu destino está guardado no inconsciente e que é chegada a hora de aspectos diferentes dele se manifestarem. Parte, à noite, num trem que parecia “serpentear, lento, pela ribanceira selvagem e rochosa”. A última etapa da viagem é feita de barco, conduzido por um barqueiro aleijado,

que remava com vigor, demonstrando grande força. O barco adiantava-se lento, no silêncio da noite desaparecida, sobre as águas cheias e pardas (Lawrence, 1989, p. 67).

O barqueiro – uma alusão ao mito de Caronte, rei dos infernos – metaforiza o auxiliar de passagem na travessia de Kate. Ao longo da travessia, ela viu homens tomando banho, “a epiderme tinha a cor do bronze rosado e o brilho dos nativos. Um deles tinha físico musculoso e macio dos índios” (Lawrence, 1989, p. 70). Este último era uma manifestação do animus da protagonista.

Em Sayula, encontra-se com Cipriano, um índio baixo, pele morena e bastante instruído, pois havia

morado em Oxford. Era um exímio conquistador de adeptos para o movimento religioso, em prol do deus Quetzalcoatl – D. Ramon encarnado – do qual se torna o Primeiro Homem, isto é, aquele que responde pelo deus, quando da sua ausência, além de encarnar o seu lado negativo. A notícia do jornal era, na verdade, apenas um atrativo, pois ambos “desejavam que ela seguisse o plano”. Assim, Kate cai tanto na armadilha dos deuses, quanto na armadilha do inconsciente.

Naquele lugar “sagrado”, a protagonista descobre que o fluxo de sua vida se romperá, e ela sabia não poder reatá-lo na Europa. O processo de individuação é uma forma de viabilizá-lo, isto é, de conciliar-se com uma parte de si mesma. A pressão psicológica sofrida por Kate não é mais do que um quadro do conflito subjetivo que se processa dentro de cada indivíduo. Stein (2002) afirma que o animus corresponde ao instrumento pelo qual a mulher atinge as partes mais profundas de sua natureza psicológica, é o arquétipo da adaptação interior. Em Kate, processa-se um duplo confronto em que se vê, primeiro, a luta do ego *versus* a sombra (evidenciado na repulsa de Kate, projetada nos nativos e na terra mexicana), e, posteriormente, do ego com animus.

Kate aluga, em Sayula, uma casa à beira do lago que lhe parecia perfeita: fresca, sombreada, com todas as peças abrindo para a varanda. Mircea Eliade (1992, p. 50) postula que se instalar num território, construir uma morada, “implica uma decisão vital, tanto para a comunidade como para o indivíduo; trata-se de assumir o ‘mundo’ que se escolheu para habitar”. A cidade também lhe causou boa impressão, e Kate “Sentiu novamente aquela plenitude feita de paz, baixar sobre ela” (Lawrence, 1989, p. 80). Do ponto de vista mitológico, a cidade simboliza o “ventre da baleia”, lugar em que se operam grandes transformações na personagem. Campbell (2000, p. 84) entende que:

todas as grandes revelações interiores só acontecem quando se deixa para trás os padrões do passado, pois instiga as qualidades gêmeas de fé e entrega, fundamentais para o buscador.

Juana, a zeladora da propriedade, era uma índia baixa, de 40 anos, que morava nos fundos, com seus três filhos. Kate detestou-a à primeira vista, ao vê-la catando piolhos na filha. Do ponto de vista psicológico, Juana representa a sombra primitiva da protagonista. Na concepção da psicologia moderna, trazemos, em nós, o homem primitivo, inferior com seus apetites e emoções, e só com grande esforço, podemos nos libertar de tal peso. Mas, a sombra não é de todo negativa, pois é por meio dela que a protagonista se reaproxima de D. Ramon, por

ocasião de uma apresentação dos “homens de Quetzalcoatl”, na praça central. A exigência profana e ilusória de Kate cede lugar a uma nova vida. Jung postula que cada um de nós traz dentro de si a imagem de deus e, na escala da hierarquia psicológica, o arquétipo do Self é a representação da *Imago-Dei*, que sempre vem em nosso auxílio, quando dele necessitamos. Stein (2002, p. 14), interpretando a simbólica do Self estabelecida por Jung, enumera uma série de possíveis imagens, algumas delas se manifestam em sonhos e fantasias, e outras aparecem em ralação e interações com o mundo, tais como o círculo, o quadrado e a estrela, que, por ser ubíquas e freqüentes, podem manifestar-se sem atrair, para si, especial atenção. Essas imagens estão expressas, de forma inusitada, na trajetória de Kate, por meio da tourada, da Estrela da manhã e da praça. A combinação do círculo e do quadrado reflete, na nossa análise, a tentativa da psique de “enquadrar” o círculo, de forma a trazer a totalidade limitada de Kate para a sintonia com o Self.

Ao assistir à dança sagrada, Kate repete um ato praticado no começo dos tempos por um deus. Perplexa, ouve um dos homens revelar:

sou Quetzalcoatl, que soprou umidade em suas bocas secas. Enchi meu peito com o sopro de além do sol. Sou o vento como víbora ao redor dos pés e das coxas [...] Sou eu a Estrela da Manhã, que no México era Quetzalcoatl (Lawrence, 1989, p. 93-94).

Na verdade, Kate estava sendo conduzida ao encontro do Self, o arquétipo central da psique. Nesses termos, entendemos que a protagonista se encontrava diante do “seu” deus, o que justifica o fato de ela parecer “amedrontada” e, ao mesmo tempo, com uma sensação de paz interior. A energia, que emana do ritual de consagração ao deus do qual participa, revela que toda a sua existência sempre esteve conectada a todas as pessoas – um momento de intensa comunhão e de aprendizado.

A personagem, agora transformada, aprendeu que a vida é um relacionamento, e aqueles a quem tanto despreza se encontram ali, em total comunhão, forçando-a, de algum modo, a participar da comunhão por intermédio do rito. Segundo Emma Jung (1992, p. 22), os rituais descrevem, em termos psicológicos, a amplificação e iluminação da consciência. Na verdade, ocorre uma transferência da energia para novos rumos, ligada às nações e ritos religiosos, com sua vivência de morte e ressurreição simbólicas. Carl Jung (1999, p. 17) assegura que as forças instintivas, muito raras aos nossos olhos, podem surgir a partir de um acontecimento imprevisto. No seu entender, tais forças

assemelham-se a acontecimentos primitivos e não podem ser explicadas por razões pessoais, são de difícil controle por meios racionais.

As jornadas interiores do herói mitológico são sempre as mesmas e quando acontece um retorno, ele é vivenciado como um renascimento. Kate vive a intensidade desse renascimento pelo ritual sagrado. Do ponto de vista psicológico, a consciência do ego expande-se, o que faz com que Kate visse a si mesma no centro de um grande círculo, em que

ela mulher, rodando na grande roda da feminilidade, era o sexo, o mais amplo. Ela não era ela própria, desaparecera, e seus desejos haviam mergulhado no oceano do desejo (Lawrence, 1989, p. 97-98).

A dança é um rito importante, presente em quase todas as mitologias da criação. O rito, desde os tempos imemoriais, constitui um caminho (segundo Jung, nem sempre) seguro de acomodação para as forças que irrompem do inconsciente.

Kate é arrebatada pela dança, torna-se contemporânea do deus, volta ao Tempo Primordial onde se realizaram as obras divinas. Para Eliade (1992), a criação do mundo, pela dança, é um mitologema – tão antigo quanto o de Shiva, o dançarino cósmico hindu. Este, por sua vez, serve para ilustrar os processos psíquicos determinados por Jung, no qual a energia vital assume a forma sinuosa da serpente e dança sob a corrente contínua da vida, num eterno progredir e regredir. Ao participar do ritual da dança, a personagem não tem idade: vive a plenitude da sua maturidade e, ao mesmo tempo, sente-se uma jovem virgem. A vida, como um movimento gracioso e ondulante, parece uma dança, sem começo nem fim, o que remete à imagem da uroboro. Do ponto de vista psicológico, corresponde aos altos e baixos da energia psíquica que tem seu igual nos movimentos da “dançarina cheia de vitalidade, explodindo de satisfação” (Lawrence, 1989, p. 98). A dança, embora composta por dois círculos que representam o masculino e o feminino, não pertence nem a um nem ao outro, mas apenas representa a *participation mystique* do homem com a natureza.

Segundo Neumann (2000), quando a mulher ingressa na segunda parte do processo de individuação, quase sempre é tomada pelo poder desconhecido e avassalador, que ela experencia como numinoso, encontrada não somente entre povos primitivos, mas em todo ser humano durante a sua experiência com o misticismo e de individuação, entendidos como parte do processo da busca de identidade. Kate é tomada por um poder avassalador que é experimentado como numinoso

informe, onde o ego é confrontado com o arquétipo. A invasão pelo urobóro paterno é correspondente a uma experiência inebriante a ser dominada. Essa força “arrebatedora”, Kate não vivencia em relação a um homem concreto, mas sim com um *nume* transpessoal, isto é, o deus, em forma de serpente. Compreensivelmente, é com medo que ela vivencia sua incapacidade de conter, dentro de si, o falo da divindade serpente – aquele que vai oportunizar a ela o casamento com o animus. No entender de Neumann (2000), o masculino pode aparecer em forma de serpente, dragão e monstro, em um grande número de ansiedades sexuais e comportamentos neuróticos da mulher, dificultando o seu relacionamento com os homens. Entretanto, na entrega feminina de aceitação dessa situação, a mulher é levada à vitória sobre o medo. Tão logo o indivíduo volta a se conectar com o mundo além da escuridão e do medo, o animus surge como uma imagem positiva.

Ao tomar ciência da verdadeira identidade de Ramón, Kate compreende a atração que sentia por ele, pois não conseguia sequer se manter afastada de Jamiltepec, a fazenda de D. Ramon e santuário do deus Quetzalcoatl, conforme podemos observar no trecho selecionado: “Fiquei tão contente por voltar. [...] Minhas entranhas anseiam por Jamiltepec” (Lawrence, 1989, p. 186). Baseada nas palavras de Stein (2002), em que este afirma que o animus pode surgir numa estância mais elevada como Self, que aparece quase sempre em a forma de um mitologema religioso, somos tentadas a afirmar que Ramón metaforiza a projeção do animus positivo da heroína relativo ao aspecto espiritual. Este, por sua vez, é o mediador da experiência religiosa, por meio da qual a vida atinge novo significado.

Mas para realizar o sonho de “recompor” o panteão dos deuses mexicanos, Cipriano propõe casamento a Kate, que, de início, nega-se a aceitá-lo como marido. Na verdade, ela esboça um plano de fuga. “Precisava fugir, escapar para uma terra de brancos. Como seria bom!” (Lawrence, 1989, p. 176). Do ponto de vista psicológico, o medo e o nervosismo são sintomas de uma relação não-compatível com o animus. Emma Jung (1992, p. 23) destaca que “trata-se da libido que não encontra nenhuma aplicação adequada e uma vez reprimida em si mesma, ataca algum ponto físico”.

Instaura-se uma luta com o animus, que surge nas suas polaridades negativa e positiva, projetadas em Cipriano e Ramón, respectivamente. O primeiro inscreve-se como a possibilidade da realização dos instintos sexuais (Eros), o outro, à questão espiritual (Logos) que conduzirá o ego na sua longa travessia,

rumo ao Self (a divindade). Ao experienciar tal arquétipo, Kate atinge os “altos e baixos” do seu universo psíquico, o que se traduz em dificuldade, pois o ego estava sendo bombardeado por imagens do inconsciente coletivo, durante todo o percurso da sua travessia mítico-psicológica.

O desafio de casar-se com Cipriano, tornar-se a deusa Malintzi, a Primeira Mulher de Huitzilopochtli (o deus da guerra), caracteriza a aceitação, a realização do Eros reprimido que estivera, durante toda a sua vida, esquecido na parte mais profunda da sua psique. Eliade (1992, p. 149) afirma que o casamento desempenha um papel importante na vida do homem religioso. Por ocasião do seu acontecimento, tem lugar também uma passagem de um grupo sócio-religioso a outro.

Campbell (1993, p. 119) assinala, que o herói que segue em busca do pai, abre sua alma além do terror; ele transcende a vida, com sua mancha negra peculiar e, por um momento, ascende a um vislumbre da fonte. A trajetória mítico-psicológica da protagonista descreve rituais coletivos e individuais, pertinentes ao “processo” iniciático do herói que contempla a face do pai, e, assim, os dois entram em sintonia. Kate, finalmente, descobre que “Sozinha, nada era. [...] Como indivíduo isolado tinha pouco ou nenhum sentido. Como mulher independente era repulsiva” (Lawrence, 1989, p. 287).

Conclusão

Ao final da nossa análise, entendemos que a personagem Kate perde a sua individualidade conhecida para assumir uma identidade arquetípica, representada pelos deuses mexicanos

“Os anos pareciam afastar-se dela em grandes círculos. [...] Cipriano facilmente tornara-se o deus redivivo. E ela, a deusa-noiva, Malintzi” (Lawrence, 1989, p. 290-291). Do ponto de vista psicológico, Dom Ramón (Quetzalcoatl) simboliza o Self divino, elemento de equilíbrio entre o animus encarnado por Cipriano (essencialmente humano) e a anima (Sofia), elemento feminino evoluído, personificado por Kate.

Compreendemos que este triângulo representa a serpente urobórica, uma vez que aqui se fecha, num todo completo, a interioridade humana do logos, da força física e da sabedoria, frutos da evolução do homem. Desta forma, vemos na imagem triádica dos deuses astecas: Quetzalcoatl (deus da sabedoria), Huitzilopochtli (deus da guerra) e Malintzi (a deusa virgem), respectivamente, Lucifer, Adão e Eva (na Mitologia hebráica), uma representação simbólica da luz do fogo e do ar. Com Dom Ramón (animus superior), a protagonista firma laços de amor

celibatário, cuja verdade se fundamenta numa vida de relação cada vez mais intensa com a contraparte sexual interior. O numinoso excede de muito o conteúdo onírico, a imagem da serpente permeia toda a vida da protagonista. Vimos que desde o início da chegada de Kate ao México, essa imagem parecia “ofuscá-la”; ora operando como sombra, ora como animus, e finalmente, Self.

Como estabelece Campbell (1993), o herói precisa retornar triunfante ao lugar de onde partiu. No caso de Kate, houve uma recusa (sua trajetória mítica foi interrompida), ela preferiu permanecer no México, ao lado do deus Quetzalcoatl, motivo de sua busca. Porém, a sua individuação realizou-se por inteira, ela retorna às origens (ao inconsciente), após receber um “chamado” do Self, enfrenta todos os arquétipos, e integra-os à sua personalidade, de modo que conquista, pelo renascimento (interior), a sua Totalidade psíquica. Graças à individuação, Kate passa a enxergar os próprios valores, que lhe propiciam uma nova maneira de viver. Por este processo, explora o inconsciente, congrega experiências necessárias (inclusive a religiosa), realizando aquilo a que Jung chamou de *coincidentia oppositorum* ou re-união das partes opostas de si mesma (sizígia).

Referências

- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPBELL, J. *Para viver os mitos*. Tradução de Anita Moraes. São Paulo: Cultrix, 2000.
- ELIADE, M. *O mito do eterno retorno*. Tradução de Manuela Torres. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.
- JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- JUNG, C.G. *Psicologia e religião*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JUNG, C.G. *Os arquétipos do inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, E. *Animus e anima*. Tradução de Dante Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1992.
- LAWRENCE, D.H. *A serpente emplumada*. Tradução de Aurea Weisenberg. São Paulo: Tecnoprint, 1989.
- NEUMANN, E. *O medo do feminino*. Tradução de Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 2000.
- SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- STEIN, M. *Jung: o mapa da alma*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2002.

Received on June 16, 2007.

Accepted on December 05, 2007.